

# OS DESAFIOS PEDAGÓGICOS E A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE

## EJA

**IENE RODRIGUES<sup>1</sup>**

**MARLUCE MEDEIROS<sup>2</sup>**

O presente trabalho trata dos desafios encontrados nas classes de EJA, pois a luta contra o analfabetismo nesta modalidade de ensino vem de longa data. Sabe-se que infelizmente a história de vida dos analfabetos no Brasil é marcada pela exclusão e pela desigualdade social. Muitos jovens e adultos que não tiveram acesso à escola na idade própria foram reprovados, evadiram, precisaram trabalhar para auxiliar a família e, por isso, não conseguiram concluir seus estudos na idade escolar prevista. Muitos hoje desafiam o tempo, se dividem entre trabalho, família já constituída e escola para tentar recuperar o tempo perdido. Essas pessoas querem aprender não simplesmente por aprender, mas para ter uma vida mais digna, para desenvolver sua autonomia, conseguir ensinar o dever de casa aos filhos, realizar coisas simples do dia-a-dia e também tornar-se um cidadão politizado.

A classe de EJA, vencendo desafios alcançou apoio legal Na Constituição Federal de 1988 que estabelece que: "a educação é direito de todos e dever do Estado e da família..." e ainda ensino fundamental obrigatório e gratuito, inclusive a sua oferta garantida para todos os que a ele não tiveram acesso na idade própria (BRASIL, 1988). Cita-se como um participante desta vitória o intelectual Paulo Freire que contribuiu para o avanço desta classe com um método de alfabetização que deu certo. Entrou para história e ajudou muitos jovens e adultos a encontrarem seu espaço na sociedade como cidadãos.

Segundo Brandão (2007, p. 21-22),

Um dos pressupostos do método é a idéia de que ninguém educa ninguém e ninguém se educa sozinho. A educação, que deve ser um ato coletivo, solidário – um ato de amor, dá pra pensar sem susto –, não pode ser imposta. Porque educar é uma tarefa de trocas entre pessoas e, se não pode ser nunca feita por um sujeito isolado (até auto-educação é um diálogo à distância), não pode ser também o resultado do despejo de quem supõe que possui todo o saber, sobre aquele que, do outro lado, foi obrigado a pensar que não possui nenhum. "não há educadores puros", pensou Paulo Freire. "Nem educandos". De um lado e do outro do trabalho em que se ensina-se e aprende, há sempre educadores-educandos e educandos-educadores. De lado a lado se aprende.

Para a realização deste trabalho visitamos uma escola EMEF da rede municipal de Vitória, quando entrevistamos os alunos do 2º ciclo (3ª e 4ª séries do Ensino

Fundamental), uma turma composta por jovens e adultos, onde existem 30 alunos matriculados, mas só 17 aproximadamente, freqüentam às aulas. No dia da entrevista estavam na sala de aula apenas 13 alunos dos quais coletamos informações que nos proporcionaram um maior conhecimento da realidade dos mesmos. O aluno mais novo da sala tinha 17 anos e a mais idosa 70 anos, a turma é composta por mais mulheres que homens, 7 deles trabalham fora e o restante (mulheres) disseram que apenas cuidam da casa. Os que trabalham fora nos disseram suas profissões e entre elas estão a profissão de: acompanhante de idosos, encarregado de elétrica, doméstica, pintor, pedreiro e vendedor. De acordo com Dayrell,

Grande parte deles não possuem qualificação profissional e se vêem sem perspectivas num contexto de crise da sociedade assalariada. Dessa forma, o mundo do trabalho não lhes parece um espaço de escolhas; ao contrário, nenhum deles gosta do que faz, não vendo nessas atividades nenhuma centralidade além da renda. Assim o trabalho não constitui fonte de expressividade. Reduz-se a uma obrigação necessária para uma sobrevivência mínima, perdendo os elementos de uma formação humana que derivavam de uma cultura que se organizava em torno do trabalho (DAYRELL, 2005, p. 63).

Os motivos que os levaram a voltar a estudar são vários, como exemplo, no relato de um senhor, ao dizer que a empresa onde ele trabalha exigiu; uma senhora disse que devido a um acidente que aconteceu com 2 dos seus familiares ela teve um bloqueio e esqueceu tudo o que sabia; outra senhora disse que está estudando para ajudar os filhos com o dever de casa, outra ainda disse que quer ser mais independente, e esta é uma senhora de 70 anos que nos surpreendeu com sua determinação e coragem. Tivemos ainda o relato de uma jovem que disse buscar melhores oportunidades de emprego. Vários são os motivos que levam estes cidadãos de volta à escola, e como nos afirma Gadotti:

[...] Os jovens e adultos trabalhadores lutam para superar suas condições precárias de vida (moradia, saúde, alimentação, transporte, emprego etc.) que estão na raiz do problema do analfabetismo. O desemprego, os baixos salários e as péssimas condições de vida comprometem o processo de alfabetização dos jovens e dos adultos. Falo de "jovens e adultos" me referindo à "educação de adultos", porque, na minha experiência concreta, notei que aqueles que frequentam os programas de educação de adultos, são majoritariamente os jovens trabalhadores [...] (GADOTTI, 2005, p. 27).

Dos treze alunos 4 não são do Estado, coincidentemente vieram do interior de Minas Gerais para tentar trabalhar e melhorar suas condições de vida, 1 deles veio porque a empresa onde trabalha o transferiu. Quanto às atividades que fazem nos momentos livres para se divertir ou passar tempo são diversas, entre elas: artesanato, cuidar da casa, costura, crochê, futebol, tomar cerveja, tocar violão, cantar e dançar.

O relacionamento deles com a professora é muito bom, falaram muito bem dela fazendo vários elogios dizendo que ela é carinhosa, paciente, amiga e usaram até a

expressão nota 10, o que percebemos ser recíproco. Elogiaram também a escola principalmente a alimentação, e disseram que estão felizes ali, sentem-se respeitados e alguns até disseram que vieram de outra escola onde não tiveram uma boa experiência, mas afirmaram que nesta eles se sentem bem.

A professora é formada em Pedagogia e possui Pós-Graduação, sua experiência profissional é grande, inclusive disse que já está se aposentando, além de professora já atuou como Pedagoga e Diretora, porém, como professora alfabetizadora é a sua primeira experiência. Quanto ao planejamento com a Pedagoga, não tem acontecido, não por falta de disponibilidade da Pedagoga, mas sim pela falta de tempo da professora que trabalha em vários turnos e disse que não dá tempo.

Informou-se que não usa um método específico para trabalhar, é eclética, adota o método de acordo com a necessidade da turma e afirmou que usa temas e palavras geradoras também, disse ainda que os alunos participam das escolhas de projetos a serem trabalhados, eles têm plena liberdade para se expressar. O livro que ela utiliza é um livro específico para EJA. Geralmente todos os problemas enfrentados pela comunidade são discutidos em sala de aula, como por exemplo: os casos de "dengue". Segundo Romão (2005, p. 79-80):

Não se trata de comparação de práticas mas de comparação de teorias. Em duas práticas iguais uma pode estar adequada e outra inadequada quando exercidas em situações distintas. Um mesmo exercício motor pode ser útil em uma classe infantil de alfabetização e absolutamente contraproducente numa classe adulta. Igualmente, duas práticas distintas e eventualmente opostas podem estar absolutamente adequadas dependendo de onde se realizam [...]

A professora trabalha com uma turma mista onde um grupo já está alfabetizado e outro ainda está adquirindo os primeiros rudimentos da alfabetização, sendo assim sua prática pedagógica é de acordo com o que ela acha próprio pro momento, de maneira que ela venha a atender a todos satisfatoriamente.

Em seus momentos livres, que são poucos, ela se encontra com os amigos no bar e curte uma música ao vivo, mas disse que isso é raro, que quase não tem tempo, disse também que gosta de ler mas já faz bastante tempo que não faz uma leitura prazerosa, como um romance, auto-ajuda, pois só tem tempo para leituras relacionadas ao trabalho, participa também de vários encontros pedagógicos (formação continuada).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na classe da EJA, é vital a importância de o professor ser o maior incentivador de seus alunos, mostrando a eles sempre a importância de buscar o conhecimento e de compreender seus direitos como cidadãos, para que venham a se tornar indivíduos autônomos e conscientes. Na entrevista alguns estudantes afirmaram que voltaram a estudar porque queriam entender melhor sobre seus direitos trabalhistas, como por exemplo: compreender o que é "PIS", na medida em que o educador vai esclarecendo as eventuais dúvidas deles, uma vida nova se mostra para os mesmos, que se sentem felizes pelo conhecimento adquirido.

Os estudantes de EJA necessitam de professores com formação adequada, mas isso não é tudo, precisam também de educadores com sensibilidade suficiente para compreender seus alunos os quais possuem uma realidade de vida muito difícil, pois chegam cansados do serviço e ainda têm que enfrentar uma sala de aula. Dentro da sala, já sentados, vem o sono que também é um agravante, pois é o momento que eles sentam e relaxam. Muitos possuem um histórico de fracassos na vida escolar que consequentemente trouxe o desemprego, a insatisfação com a profissão e baixos salários.

Seria interessante que estes estudantes ouvissem sempre relatos de pessoas que conseguiram concluir seus estudos e progredir profissionalmente como também em outros aspectos de suas vidas. A classe da EJA precisa entender que é possível vencer esse desafio e que eles precisam se esforçar o máximo para superar essa fase e mais adiante desfrutar dos benefícios conseguidos por estes momentos considerados tão difíceis para eles.

## REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é método Paulo Freire**. São Paulo: Brasiliense, 2008.

DAYRELL, Tarcísio. A juventude e a educação de jovens e adultos. In: SOARES, Leôncio; GIOVANELLI, Maria A. Gomes, Nilma L. (orgs). **Diálogos na educação de jovens e adultos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

GADOTTI, Moacir. **Educação de jovens e adultos: correntes e tendências**. In: GADOTTI, Moacir; Romão, José E. **Educação de Jovens e Adultos: teoria, prática e proposta**. São Paulo: Cortez, 2005.

ROMÃO, José E. Compromissos do Educador de jovens e adultos In: GADOTTI, Moacir; Romão, José E. **Educação de Jovens e Adultos: teoria, prática e proposta**. São Paulo: Cortez, 2005.

---

1 - IENE RODRIGUES [ieneb@hotmail.com](mailto:ieneb@hotmail.com)

2 - MARLUCE MEDEIROS [oliveira\\_m\\_m@yahoo.com.br](mailto:oliveira_m_m@yahoo.com.br)

Alunas do Curso de Pedagogia da FAESA, Vitória, ES, em cumprimento às atividades da disciplina EJA: Pesquisa e Práticas Pedagógicas, sob orientação do professor ADALVO DA PAIXÃO ANTONIO COSTA, [adalvocosta@terra.com.br](mailto:adalvocosta@terra.com.br)